

69  
E G L O G A  
E M Q U E H U M P A S T O R  
E X P L I C A O S S E N T I M E N T O S D A M O R T E  
D A S U A P A S T O R A .

D E D I C A D A

A O I L L U S T R I S S I M O E E X C E L E N T I S S I M O S E N H O R  
J O A Õ G O N Ç A L V E S  
D A C A M A R A ,

*Almotacé mór do Reino, &c. &c. &c.*

P O R

J A C I N T O P E R E I R A D E M I R A N D A .



L I S B O A

N A O F F I C I N A D E F E L I P P E D A S I L V A E A Z E V E D O ,

A N N O M . D C C . L X X X V I .

*Com licença da Real Meza Censoria,*

REGIO

IN OMNIBUS PARTIBUS

DE REGNO

DE FRANCIA

DE FRANCIA

DE FRANCIA

DE FRANCIA

DE FRANCIA

DE FRANCIA

DE

DE FRANCIA



DE FRANCIA

DE FRANCIA

DE FRANCIA

70  
DEDICATORIA

ILLUSTRISSIMO

EXCELLENTISSIMO SENHOR

**P**rezumo eu (se não he vaidade) que os sentimentos do meu Pastor haõ de achar no peito de V. Excellencia, hum grande lu-

gar , tanto por ser a sua alma susceptivel a todos os sentimentos desta qualidade como pela composiçãõ com que elle adornou, os dezafogos da sua magoa , que supposto pareça inverosimil , não deixa de ter sido repetidas vezes praticado.

V. Excellencia ama de todo o corac,aõ as bellas Muzas, e os defeitos que achar na que inspirou ao meu Pastor , desculpará , porque poucas vezes a magoa deixa lugar para ajustadas reflexões.

Não he minha tenc,aõ renovar chaga que já o tempo terá sicatrizado , he sim interter a V. Excellencia por alguns minutos , dignando-se de ler a prezente Egloga e

defendella da mordacidad e , pois a innocencia com que a dedico a V. Excelencia merece o seu amparo, e protecc,ão.

Deos Guarde a V. Ex<sup>a</sup>, muitos annos.

De V. Ex<sup>a</sup>;

Afectuoso venerador.

Jacinto Pereira de Miranda.

deputados do município de São Paulo  
na com. de saúde de V. Herculano  
com o Sr. ...

Dr. ...  
Dr. ...

Dr. ...  
Dr. ...

# EGLOGA.

**T**Ristes florestas em que a luz do dia  
 Já mais tem penetrado, a donde os  
 bosques  
 Pintão na solidão a noite eterna;  
 Vós antigos rochedos, cuja molle  
 Opprime com seu pezo o fundo abismo:  
 Regatós que desceis tão lentamente  
 A's ondas, pelos áridos oiteiros  
 Sobre aquella lagoa immunda, e triste,  
 Que os limos cobrem, e que as Rans habitão:  
 Alvas planices, e horrorozos valles,  
 Eternos gellos, que coroaes os montes;  
 Vós me pintaes na mente aquella sombra  
 Da fria morte que envolveo a Jonia  
 mo.

Aquelle infausto dia , que as brilhantes  
 Luzes dos olhos seus, já pouco a pouco  
 Eu via enfraquecer , tal , que no occazo,  
 Inclinando seu vulto sobre a onda  
 Se enfraquece do Sol o rayo ardente:  
 O instante em que notava sobre as faces  
 Murchar a roza , e hum livor maligno  
 Cobrir aquella boca grata , e pura.  
 Em que Amor difundio o doce rizo.  
 Mas ay! O' cara sombra, eu não, não choro  
 Tua perda com lagrimas profanas:  
 O pranto que estes meus olhos derramaõ ,  
 He Filho d'hum amor só virtuoso,  
 D'hum coração fencivel, que estimava  
 As virtudes do teu , esclarecidas ;  
 D'hum alma que adorava em teu sem-  
 blante



Com a grandeza excelça , e gloria firme :  
Longe , longe de mim aquelle vulgo  
Vulgo profano , que não sente as vozes  
Penetrantes que descem sobre o mundo ;  
Que immovel aos impulsos d'amizade ,  
Da Natureza , as leis fieis perturba :  
E tu , que lá brilhante sobre Dafne  
Dos orbes vendo eslãs a redondeza ,  
Em mim difunde já teu brando aspecto ,  
Recebe os tristes vottos que te ofreço ,  
Taõ puros como tu , e taõ eternos :  
He pois bem certo , ó Jonia encantadora ,  
Que eu te perco , em fim , sem mais re-  
medio ?

Que a noite da severa Eternidade  
Taõ distante te esconde dos meus olhos ?  
Que o dia eu veja succeder ao dia

Os annos, Estações, e mais os lustros,  
 Longe sempre de ti, e sempre auzente?  
 Ay de mim! Que veloz aquelle tempo,  
 Doce tempo, passou em que eu vivia  
 Aprendendo de teu heroico exemplo  
 Os costumes suaves da virtude,  
 Hum docil natural, e compassivo  
 Teu caracter formava sem fraqueza;  
 A grandeza era amavel no teu gesto,  
 A bondade em teu peito sempre a mesma.  
 Oh! Quantas vezes eu passava as horas  
 Cuidando que os minutos só voavaõ  
 Notando as perfeições que a Natureza  
 Benigna repartia em teu composto;  
 Inda agora parece que estou vendo  
 Vagar sobre a garganta em ondas folto  
 Teu doirado cabello, e hum Divino  
 Pu-

Pudor, tingir ligeiro a viva neve;  
Hum desprezo estudado sobre o adorno  
Relevava o teu porte magestoso,  
Ostentando na simples Natureza  
Aquelle Divino ar que excede a arte:  
Quantas vezes suspenco admirava  
A mente nas sciencias mais profundas  
Arojar-se ligeira, como aquelles  
Dos Olimpicos carros guiadores!  
Quantas vezes a voz sonora tua  
Minha alma penetrou com teus acentos!  
E quantas, ay de mim! A fronte Augusta,  
A Muza te coroou de sacros louros!  
Em vaõ o grande már da Eternidade  
Em mim combaterá tua lembrança;  
Os affectos gerados na pureza  
Nem a morte he capaz de supperallos:

Mas

Mas ay ! O' Jônia amada, esta lembrança,  
 Quando se chora a perda, quanto he dura !  
 Esta mesma piedade encantadora  
 Que outro tempo mostravas com teu pranto  
 A mesma compaixão nas minhas magoas  
 Faz a triste saudade mais funesta ;  
 Eu me lembro, que afflicta, porque cauza  
 ( Perguntavas ) cedia á cruel sorte ?  
 Não achas tudo igual ? Não brota o campo  
 O rude cardo ? A delicada roza,  
 Faze uzo da razão, que o Ser supremo  
 Nos corações gravou com rayo eterno ;  
 ( Compassivo dizias, procurando  
 Na virtude emmendar meus tristes erros )  
 Oh ! Quanto ternamente procurava,  
 Alma piedoza, de ignocencia cheya,  
 No seyo, quantas vezes, da amizade  
 Suf.

Suspirava , como antes , que os suspiros  
 Aprendessem do crime a ser fingidos ?  
 Agora ás vozes furdo da alegria ,  
 Estupido afflicto , e sem remedio ,  
 O presente fugindo , e o passado ,  
 Chorando , me supulto tristemente  
 Neste abismo fatal que cobre o tempo :  
 Os livros em que errava o pensamento  
 Com amante disvello , hoje abandono :  
 Estes faudozos bosques em que amava  
 Distraindo vagar , me são horrores ;  
 Já triste me parece a luz do dia ;  
 A amizade , hum relampago que foge  
 A Patria eu esqueço ; a doce Patria ;  
 A gloria se decipa , e mais a fama :  
 Pelas margens errando só dezertas  
 Do Tejo Cristalino , a doce imagem  
 Eu

Eu vejo retratada sobre as ondas  
 Que turvaõ minhas lagrimas saudozas;  
 Ali lhe estêdo os braços , procurando  
 Entre elles , loucamente , ali detella ,  
 Mas em vaõ , mas em vaõ , que a doce  
 imagem

Entre elles se decipa , e hum Divino  
 Horror discorre em mim , que o fangue gella.  
 Cára sombra , se pois no Eterno livro  
 Que a maõ te mostra lâ Omnipotente  
 Se descrever felis minha carreira ;  
 Se nos espaços eu tambem do immenso  
 Impireo , muito á lém do Astro ardente  
 Afinalar puder os meus vestigios ;  
 Se nos celestes córos , em fim , podes  
 A triste voz ouvir destes gemidos ;  
 Abre , ó alma ditosa , abre os teus braços ,  
 Fa-

Faze que a luz Eternã eu já remonte ,  
Qual Ave que da luz procura a fonte.

*Protesta o Autor , que a palavra De-  
vindade , e as mais de que uza , he sómen-  
te ornato Poetico , e as sujeita á correc-  
ção da Santa Madre-Igreja , de quem he  
obediente Filho.*

F I M.



F. I. M.

